

PRINCIPAIS AUTORES DA LITERATURA SERGIIPANA – TÓPICOS BÁSICOS

Tobias Barreto

Filósofo e escritor brasileiro

Por Dilva Frazão

Biografia de Tobias Barreto

Tobias Barreto (1839-1889) foi filósofo, escritor e jurista brasileiro. Foi o líder do movimento intelectual, poético, crítico, filosófico e jurídico, conhecido como Escola do Recife, que agitou a Faculdade de Direito do Recife. Patrono da cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras.

Depois de formado, Tobias Barreto passou dez anos morando na pequena cidade de Escada, na região açucareira de Pernambuco. Casou-se com a filha de um dono de engenho e proprietário de terras da cidade de Escada. Dedicou-se à advocacia. Foi eleito para a assembleia Provincial de Escada e, editava um jornal na cidade.

De volta ao Recife, passou em um concurso para lecionar na Faculdade de Direito. Hoje a Faculdade é consagrada como "A Casa de Tobias".

Escrevendo sempre para a imprensa, deixou apenas um livro de poesias de feitiço romântico-condoreiro, "Dias e Noites". A preocupação com os problemas sociais do Brasil é a característica principal da terceira geração de poetas românticos.

A campanha pela República e pelo fim da escravidão ganha as ruas e o poeta procura ser o porta voz do povo, como fez Tobias Barreto em seus versos:

Se é Deus quem deixa o mundo

sob o peso que o oprime,

Se ele consente esse crime,

Que se chama a escravidão,

para fazer homens livres,

para arrancá-los do abismo,

Existe um patriotismo

Maior que a Religião.

Se não lhe importa o escravo

Que a seus pés queixas deponha,

Cobrando assim de vergonha

A face dos anjos seus,

em delírio inefável,

praticando a caridade,

Nesta hora a mocidade

corrige o erro de Deus! (...)

Filósofo Positivista

A sua contribuição filosófica e científica foi de grande importância, uma vez que contestou as linhas gerais do pensamento jurídico dominante e tentou fazer um entrosamento entre a filosofia e o direito, propagando os estudos de Darwin e o positivismo de Haeckel.

Tobias Barreto faleceu no Recife, Pernambuco, no dia 26 de junho de 1889.

Obras de Tobias Barreto

O Gênio da Humanidade, 1866

A Escravidão, 1868

Hermes Fontes

Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes (Boquim SE 1888 – Rio de Janeiro RJ 1930). Funda o jornal *Estréia*, com Júlio Surkhov e Armando Mota, em 1904, no Rio de Janeiro. Forma-se bacharel em direito em 1911, mas não exerce a profissão. De 1903 ao final da

década de 1930 colabora em periódicos como os jornais Fluminense, Rua do Ouvidor, Imparcial, Folha do Dia, Correio Paulistano, Diário de Notícias e as revistas Careta, Fon-Fon!, Tribuna, Tagarela, Atlântida, entre outras. Atua também como caricaturista do jornal O Bibliógrafo. No período, trabalha como funcionário dos Correios e oficial de gabinete do ministro da Viação.

SUPERSTIÇÃO

H.F. *

“As duas iniciais do nome a que respondo
(e é pena que, horas e horas, me atarefe
nesta superstição!),
as duas iniciais do meu nome — H.F. —,
tem um símbolo bom, junto a símbolo hediondo,
um destino de herói e um de vilão:
Há no H uma escada, um degrau de subida
uma vaga noção de arquitetura
interrompida.
O F é, porém,,
forca... poste fatal... marco do fim da Vida...
guindaste de almas para a sepultura,
para a eterna Altura,
para o Além...

Para subir à forca do meu F
tenho ao lado uma escada — o meu H.
Carrasco, magarefe,
alto lá!
alto lá!
Por suas iniciais, meu nome ensina

a não temer pressentimentos vãos.

Ergástulo, fogueira, guilhotina,

cicuta, ópio, ou morfina...

— Quem sabe a sua sina?

— Quem sabe lá se há de morrer por suas mãos?”

*H.F., isto é, Hermes Fontes. Poema de “música pós-simbolista ou pré-modernista”, espécie de “melo-fanopéia gráfica” no entender de Décio Pignatari em seu livro PIGNATARI, Décio. Comunicação poética. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977, à página 41-42..

SANTOS SOUSA

José dos Santos, nasceu em 27 de janeiro de 1919. Aos 13 anos, o menino Santo Souza já falava de amor em seus poemas. José Santo Souza ilustre filho de Riachuelo um dos maiores poetas vivos do país, viveu em sua cidade natal até os 17 anos trabalhando em farmácia, e em Aracaju, ele continuou trabalhando no ramo onde aprendeu a manipular medicamentos com a mesma maestria que o conservou na função por 26 anos. Somente em 1938 ele retornou à poesia.

URNA FANTÁSTICA

Venho de longe... — Em minhas mãos queimadas

Trago a cinza de céu crepusculares!

Nos olhos, trago noites e alvoradas

e, na alma, os sons da eterna voz dos mares.

Trago lírios de luz... Trago irisadas

ondas de sóis, desfeitas em colares.

E, aceso, o pálio azul das madrugadas

para cobrir os tronos e os altares.

Trago o silêncio! E a paz! E a luz que ondeia
dentro dos astros — esses grãos de areia,
orvalhados de névoa e de harmonias...

E urnas de sonhos, clâmides de estrelas,
Trago-as de longe para oferece-las
a esses que vêm com as pobre mãos vazias!

Moça chamada Rosa

Impossibilitada de viver,
impossibilitada de morrer,
a empregadinha voa da
janela azul do décimo
andar e se transforma
numa dolorosa máquina
de pranto e de estupor:

— N M D L R S M Q I A

U A O O O A A U N

D P A T E E D S U O

E R N O E E T P R

De repente os telégrafos
do mundo anunciam a
heroica aterrisagem

da louca aviadora num

monte ele lágrimas breves.

E do fundo da sarjeta,

das estalagens da lama

um obscuro nome

de mulher se transfigura

em manchetes de sangue

nas páginas dos jornais:

—MOÇA CHAMADA ROSA VOA E VIRA NO ASFALTO ROSA ENSANGUENTADA".

MÁRIO JORGE

(1946- 1973)

Mário Jorge de Menezes Vieira nasceu a 23 de novembro de 1946 em Aracajú, Sergipe, e faleceu na mesma cidade, num acidente automobilístico, na manhã de janeiro de 1973. Iniciou estudos de Direito em sua terra natal, continua estudos de Ciências Sociais em São Paulo, que não chega a concluir.

“Lirismo e inferno, caos e sonho, concretismo e visceralidade, autodestruição e poesia popular. Aqui quase tudo, graças ao brilho verbal de Mário Jorge, escapa à modalidades mais comuns da poesia brasileira. Traços inusitados e opostos se reúnem em texto e figura para compor o rosto de uma época e de uma geração. Cuidado silêncios soltos registra o itinerário da desagregação de um poeta da poesia política de Revolução ao lirismo alucinado de O marginauta.” (...) “Todavia o espírito nela trabalha é pop-psicodélico, folk-delirante e irônico-esotérico, intercedendo com a mesma intensidade em texto ou desenho.” . Vinicius Dantas

CUIDADO SILÊNCIOS SOLTOS. 2 ed.

Antologia organizada e apresentada por Vinicius Dantas.

Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. 178 p.

Texto 01

Viver como um passarinho

E morrer a duras penas...

Texto 02:Paisagem urbana

A

PALAVRA

FOTO(GRÁFICA)MENTE

CONSUMIDA

ANUN Cia.

a

V E N

D I

D

A

Texto 03

de que estranhos esgotos
vem a lama onde habitam
tão belos caranguejos?

de que tamanhos sóis
nasce essa luz que ofusca
os olhos de minh'alma?

ah! se eu soubesse diria
e esperava o eco e saberia
o silêncio que dorme nas palavras

FRANCISCO DANTAS

Francisco J.C Dantas nasceu em Riachão do Dantas (Sergipe), em 1941. Defendeu doutorado na USP (A mulher no romance de Eça de Queirós). Foi professor de literatura portuguesa e brasileira na Universidade Federal de Sergipe.

Deu aulas regulares de literatura Brasileira em Berkeley (Universidade da Califórnia), em 2000, mesmo ano em que recebe o Prêmio Internacional da União Latina de Literaturas Românicas.

Estreou na literatura aos 50 anos, com o já consagrado romance Coivara da Memória (Estação Liberdade, 1991); em seguida publicou, em 1993, Os Desvalidos (Companhia das Letras); em 1997, Cartilha do silêncio (Companhia das Letras), em 1999, A Mulher no Romance de Eça de

Queiroz (Editora da Universidade Federal de Sergipe, tese), em 2004, Sob o Peso das Sombras (Ed. Planeta) e em 2012, pela Alfaguara, saiu o Caderno de Ruminções.

RESUMO: OS DESVALIDOS

Os Desvalidos, romance de memórias, retrata a trajetória infeliz do sertanejo Coriolano. O qual teve sua casa invadida por Lampião, ainda na sua juventude, mas consegue fugir, deixando para trás sua terra natal: o Aribé.

O protagonista muda-se para o Rio das Paridas atormentado pelo medo do ataque do cangaceiro mais temido da região e lá pena a saudade de sua terra. Lembra-se sempre de sua infância e também dos dissabores que enfrentou naquela fuga. Vai viver em companhia do seu tio Felipe, um viúvo, que apaixona-se por Maria Melona, uma mulher atraente e corajosa. Casa-se com ela, mas seu casamento não dura muito, foi desfeito por calúnias motivadas por inveja, sendo Coriolano o pivô da separação, ao acusá-la de trair seu marido. Por isso, Maria Melona, resolve entrar para o bando de Lampião para vingar-se de Coriolano. Quanto ao tio Felipe, movido pelo desgosto sai pelo mundo como caixeiro-viajante.

Coriolano na tentativa de encontrar o seu tio, sai como seleiro viajante, mas por uma coincidência infeliz, acaba encontrando-se com Lampião, o qual o obriga a prestar serviços a seu bando por um certo tempo.

Com a chegada de tio Felipe no Aribé trava-se uma batalha. Zerramo, um homem leal e destemido, que era compadre de Coriolano, enfrenta Lampião e este o mata. Coriolano covardemente abandona o corpo do amigo e foge para o rio das Paridas. E Tio Felipe é salvo por Maria Melona.

Ao saber da morte do famoso cangaceiro, Coriolano, alegre-se e começa planejar o seu regresso, porém isto não acontece devido a sua indeterminação e medo. É um desgraçado em tudo o que faz.

Ambos os personagens terminam frustrados. Coriolano, totalmente, não tinha sonhos, não tinha ofício próprio, vivia sempre a amuletar-se em alguém, não consegue nem voltar para sua terra natal e Tio Felipe, terminou louco, apenas conseguiu o ofício de amansador de cavalos da região que para ele, havia nascido para aquilo.

Enfim, o livro narra uma sucessão de personagens em total fracasso, como diz o próprio Coriolano: "É a Sina que iguala todos nós", este representa a figura simbólica dessa decadência. Salvando-se, apenas, dessa triste e cruel sina, João Devoto, que contraditoriamente, era um homem desonesto, explorador e ignorante e ironicamente, o único feliz ao longo da história.

ANTONIO CARLOS VIANA

Nasceu em Aracaju, Sergipe. É mestre em teoria literária pela PUC-RS e doutor em literatura comparada pela Universidade de Nice, França. É tradutor e professor universitário aposentado. Obras publicadas por outras editoras: Brincar de manja (Cátedra, 1974), Em pleno castigo (São Paulo, Hucitec, 1981), O meio do mundo (Libra & Libra, 1993) e Roteiro de redação: lendo e argumentando (São Paulo, Scipione, 1997). Recebeu o prêmio APCA 2009 de melhor livro de contos por Cine privê.

Texto:

Nasceu assim e assim cresceu: um nadinha. Já tinha três anos, mas parecia ter um. A avó a embalava cantando “boi da cara preta”, que para ela não tinha cara nenhuma, e nem sabia o que era boi. Com quatro anos deu os primeiros passos e já a chamavam de Nadinha. Mas seu nome mesmo era Maria Auxiliadora. Foi perto dos cinco anos que deu uma dor no pé. Chorou a noite toda. Deram a ela tudo o que foi chá. Até de bosta de galinha deram. Não adiantou. Arrumaram uma rezadeira. “Com dois te botaram, com três eu te tiro”, a mulher rezou em vão. Arranjaram ficha pro médico e ele disse que só operando. Dali a três meses operou, mas não adiantou de nada. Ninguém sabe como nem por que, Nadinha nunca mais andou. Era só por o pé no chão e chorar. Queria colo da vovó, a manhosa. Mais dois meses e a perna foi secando. Ficou uma maniva de macaxeira, zombavam os irmãos. Mas Nadinha continuava cada dia mais alheada do mundo, não sabia o que era maniva, muito menos macaxeira. Mais uns tempos e a outra perna foi afinando. Os pés viraram um nervo só, retorcidos que nem rabinho de porco. A mãe chorava, a vovó também, que só sabia cantar “boi da cara preta”. Nadinha, de cabeça desmongolada, olhava pra cara da avó sem ver o mundo. Bebia tudo por um canudinho de mamona enquanto os irmãos corriam com as pernas boas só pra fazer inveja. Mas Nadinha não sabia o que era inveja.